

**ENTREVISTA COM RUTH DE ALBUQUERQUE
TAVARES: OS PRENÚNCIOS DO ENSINO
RELIGIOSO NÃO CONFSSIONAL NO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO***



Nathália Ferreira Sousa Martins**

Ruth de Albuquerque Tavares (*in memoriam*), carinhosamente chamada de Dona Ruth, foi a precursora de uma nova forma de pensar e praticar a disciplina de Ensino Religioso (ER) no estado do Espírito Santo buscando uma educação pela paz. A partir de sua prática ecumênica enxergou uma maneira de dissipar com os conflitos causados por um ER confessional, na década de 1960, no município de Baixo Guandu/ES, transformando-o em interconfessional (ecumênico cristão) e anos mais tarde em inter-religioso. Dona Ruth possuía experiência em diversas áreas: na educação, psicologia e na Ciência da Religião¹. Mesmo com seus 92 anos (idade que concedeu a entrevista) estava no processo de escrita de um livro sobre o ER e participava ativamente das reuniões do Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo (CONERES).

A entrevista gravada foi realizada pela presente pesquisadora, Nathália F. Sousa Martins, no dia 20 de fevereiro em 2017, no apartamento onde Dona Ruth residia junto com sua filha Berenice na cidade de Vitória/ES, com intuito de recolher informação sobre o ER no estado para escrita da dissertação mestrado intitulada: “O ensino religioso do estado do Espírito Santo: da legislação à sala de aula em escolas estaduais da Região Metropolitana da Grande Vitória”². Nesse sentido, algumas partes da seguinte entrevista constam no trabalho citado. A importância dos relatos de Dona Ruth reside no fato deles constituírem uma rica fonte histórica sobre a disciplina do ER e suas mudanças ao longo dos anos. Sendo assim Dona Ruth pode ser considerada um ícone de transformação para a educação e mais especificamente para o ER.

Dona Ruth faleceu 8 meses depois de conceder a entrevista em outubro de 2017, devido a problemas de saúde, deixando um legado de luta e dedicação pela educação.

* Recebido em: 07.03.2019. Aprovado em: 28.06.2019.

** Mestre e doutoranda em Ciência da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora). Bolsista CAPES. E-mail: nathsousa_martins@hotmail.com

Essa entrevista foi a última que Dona Ruth realizou, e foi autorizada tanto por ela, quanto por seus filhos Berenice de Albuquerque Tavares e Eliézer de Albuquerque Tavares a ser publicada. Além de uma contribuição histórica, essa entrevista se propõe a ser uma homenagem a Dona Ruth.

FORMAÇÃO E FAMÍLIA (Entrevista)

Nathália F. Sousa Martins: Como surgiu o interesse da senhora pelo ER?

Dona Ruth: Justamente pelos problemas existentes que no dia-a-dia a gente percebe. Por exemplo: pessoas que não sabem respeitar o direito do outro de pensar diferente e acham que sua religião é a tal, é aquela que leva para o céu e o resto vai tudo para o inferno (risos). Eu fui professora do Estado, fui professora primária, professora secundária, professora da universidade, professora do curso de teologia da arquidiocese de Vitória por 30 anos e professora da faculdade de teologia da minha igreja.

Nathália F. Sousa Martins: Qual é a igreja da senhora?

Dona Ruth: Igreja Presbiteriana Unida. Justamente por isso sempre me interesse por esse aspecto. Eu aprendi com meus pais a ser ecumênica. Por que meu pai era ecumênico. Ele era de família protestante. E a minha mãe era de família judia, e uma parte católica. E minha mãe era muito católica.

Aí então, meu pai dizia para ela: — Você é católica, tudo bem, você tem sua religião. Mas eu tenho também a religião, e nós temos filhos. Você pode levar os filhos para a igreja no domingo, depois eu vou pegá-los e levar para minha igreja. Então ele fazia isso, de manhã minha mãe nos arrumava e nós íamos para missa. Naquele tempo, a missa era toda em latim. Então a gente não entendia nada, era criança. Aí então, meu pai quando, estava terminando a missa, ele ia lá nos buscar na porta da igreja. Pegava a gente e levava para a escola bíblica dominical.

Então um dia ele disse para a minha mãe: — Olha um dia os nossos filhos vão escolher em que religião vão ficar. Se eles escolherem ser católicos, eu vou aceitar, é o desejo deles e eu não posso impor. Mas se eles quiserem ser protestantes, você tem que aceitar também, por que você não pode dominar os filhos, tem que deixar que eles escolham aquilo que eles querem. Agora, compete a gente orientar, ensinar sobre a religião e o respeito de uma pela outra. Quer dizer, isso foi o que o meu pai ensinou para mim.

Nathália F. Sousa Martins: A senhora sempre deu aula de Ensino Religioso ou de outra disciplina também?

Dona Ruth: Também de Psicologia. Por que eu sou psicóloga, sou nutricionista (risos), sou pedagoga.

ATUAÇÃO E O ENSINO RELIGIOSO (Entrevista)

Nathália F. Sousa Martins: Quando a senhora começou a trabalhar especificamente em torno do Ensino Religioso?

Dona Ruth: Foi na década de 60, foi quando foi colocado, o ER confessional. Era confessional. Era ensino da religião, era tão dominador, era assim: a professora, quando batia o sinal, pegava os alunos da igreja dela, ia para uma sala, outras que eram católicas, pegavam alunos católicos, outros espíritas e assim por diante. Então um passava pelo o outro e diziam: — Olha você vai para o inferno!

— Quem vai é você!

— Não sou eu não, quem vai é você.

Eles brigavam, davam cusparada um no outro. E as professoras também brigavam entre si. Então um dia eu chamei o padre Alonso, que naquele tempo, era o Padre Alonso que era o chefe religioso, que era o Padre da Paróquia. E falei: — Olha Padre Alonso, não dá para continuar esse ER. Não dá, não é possível uma coisa dessa. Está ensinando ódio, ensinado só rancor, desrespeito pelo outro, isso não tem cabimento. Então ele disse: — O que a senhora sugere? Quer tirar o ER?

— Não é de lei, mas podemos fazer de uma maneira diferente.

Ele disse: - De que maneira a senhora quer, que acha que deve fazer?

— De maneira ecumênica.

Ele disse: — Ah isso é interessante. Mas como é que nós vamos fazer? Nós não temos pessoal preparado.

Eu falei assim: — Nós podemos preparar o pessoal. E só vamos mudar quando tivermos a formação mudada.

Então nós fizemos da seguinte maneira. Tínhamos aulas de segunda à sexta-feira. E sábado era para os professores. Aí então tinha aulas sobre ecumenismo. Era eu, meu marido e o Padre Alonso, os três que davam o curso para os professores. E os professores acharam maravilhoso. E os professores começaram a fazer, acharam uma beleza. Foi o primeiro ER ecumênico.

Nathália F. Sousa Martins: A senhora estava onde nessa época?

Dona Ruth: Em Baixo Gandu³.

Nathália F. Sousa Martins: A senhora deu aula de ER desta essa época?

Dona Ruth: Sim, desde essa época.

Nathália F. Sousa Martins: Quando a CIERES⁴ começou?

Dona Ruth: Na época de 60.

Nathália F. Sousa Martins: Como que partiu a ideia de montar o CIERES?

Dona Ruth: Partiu dos professores, dos padres e pastores que começaram a se interessar. Quem fez a lei para o ER no Espírito Santo, foi um padre que era deputado federal, eu não me lembro o nome dele, viu. Foi justamente ele que fez a lei⁵, a primeira lei que também criou a CIERES, que era a Comissão Interconfessional de Ensino Religioso.

O pessoal que ia no sábado que eram preparados, até hoje não estão preparados, infelizmente essa é a realidade. Nós pedimos a Universidade (UFES) para um curso de Ensino Religioso, aí então o Reitor me chamou e me disse: — Olha Dona Ruth, nós não podemos fazer, por que o Estado é laico, e não pode dar aula de religião. Mas isso você mais tarde pode trocar o nome, por que o ER, quando fala ER, dá ideia de ensino daquela religião, ou de uma religião especial. Mas isso futuramente vocês podem tratar.

Então nunca pudemos fazer isso na Universidade.

Sobre a mudança do nome, eu tenho falado demais sobre isso, desde a CIERES. Eu tive experiência lá em Baixo Gandu. Não pode continuar esse nome, mas eles não mudam. Mas vocês agora são um conselho⁶, o conselho agora tinha obrigação de fazer isso, mas não faz. Por que tem um grupo que governa todos os Conselhos, e eles nunca tocaram nesse assunto. O FONAPER. Então, está rolando tudo isso, e continua desse jeito. Há lugares em que é ensinado apenas a sua religião, e não é isso, tem que abrir a cabeça, não pode deixar a cabeça fechadinha, tem que abrir, abrir a cabeça para pensar diferente.

Nathália F. Sousa Martins: Lá atrás vocês já tinham essa ideia de que ele tinha que ser interconfessional?

Dona Ruth: É. Desde aquela época.

Nathália F. Sousa Martins: A senhora chegou a conhecer o Padre que fez essa lei?

Dona Ruth: Conheci. Eu fui lá em Brasília, para conversar com ele. Conversei com ele e ele disse: — Dona Ruth, eu concordo plenamente com a senhora, que acho que está na época de mudar. Mas se eu mudar agora, eles vão excluir. Porque eles não querem saber de religião, religião deixa para lá.

Mas esquecem que o homem é um ser social, é um ser humano, psicológico, ser religioso, tem todos esses aspectos que tem que ser tratados no ER. Ele disse: — É infelizmente nosso povo é o de cabecinha desse tamanho.

Nathália F. Sousa Martins: Então o movimento com os cursos começou em Baixo Gandu e foi se espalhando?

Dona Ruth: Foi se espalhando essa ideia, uns aceitavam, outros não. Então fomos sempre trabalhando, nesse sentido. Sempre nós tivemos muitos cursos de preparar os professores. Então vinha um pessoal do interior para cá, para curso. Depois o pessoal estava reclamando que era distante, e ficava difícil, por que o professor ganha uma miséria, aí então, ao invés deles virem para cá, nós íamos para lá. Para cada cidade para dar o curso. Então demos muitos cursos. O material era todo que a gente preparava. Nós não ficávamos presos a SEDU, nós fazíamos. Independente.

Nathália F. Sousa Martins: Por que trocou de CIERES, para CONERES?

Dona Ruth: Porque CIERES era uma comissão, não tem valor. Já o CONRES, é conselho, então ela governa o ER no Estado todo. Ela está ligada diretamente à secretaria. Entendeu? Então, qualquer mudança tem que partir do CONERES para o ER, e a gente passa para Secretaria de Educação.

Nathália F. Sousa Martins: A senhora teve algum problema nas escolas por falar de religião, já teve algum pai que não gostava?

Dona Ruth: Tive... em cada região onde morei, tem uma determinada coisa. O que precisa fazer é um trabalho... traz muito problema o nome, ER. Quando falam ER, pensam em ensinar uma religião. Isso cabe a família, igreja, a sociedade de um modo geral.

Nathália F. Sousa Martins: Naquela época já existiam a nível nacional congressos, eventos, sobre ER?

Dona Ruth: Havia sim.

Nathália F. Sousa Martins: **A senhora teve oportunidade de participar?**

Dona Ruth: Ah sim, participei de todos. Passei a limpo esse Brasil inteiro, já viajei pela América Latina toda, fazendo palestra sobre a questão do ER.

Nathália F. Sousa Martins: **Em quais?**

Dona Ruth: Venezuela, Argentina, vários países eu fui.

Nathália F. Sousa Martins: **Com a mudança para o CONERES, a senhora continua participando?**

Dona Ruth: Eu continuo. Eu sou representante da Igreja no CONERES. Porque o CONERES é a representação de igrejas. Outra coisa que eu acho errado, também, já falei sobre isso, que não deve ser só a questão de pessoas religiosas, não tem sentido uma coisa dessas. Acho que deve ser colocado pessoas que entendam do assunto. Mas nada de religião pela religião, não há razão para isso.

Nathália F. Sousa Martins: **Tem que ser pessoas estudiosas sobre Ciência da Religião e Ensino Religioso?**

Dona Ruth: É claro. Temos professores ótimos, professores que fizeram o curso de Ciência da Religião, na mesma faculdade que eu fiz.

Aqui, tenho um livro que estou escrevendo sobre o ER. Eu vou publicar. Ainda não publiquei porque estou escrevendo uma peça de teatro sobre o ER. Para botar no livro também. É, ser feliz, o que significa ser feliz. A peça é composta por jovens, adolescentes, pessoas maduras e idosos.

CONTRIBUIÇÕES E DESEJO DE MUDANÇA (Entrevista)

Nathália F. Sousa Martins: **O que a senhora acha que mudou de 1950, para cá?**

Dona Ruth: Precisa mais evoluir. Tanto as pessoas da igreja católica, quanto da igreja protestante, e espíritas. Todo mundo fica muito preso na sua religião, e acha que a sua religião é a tal, é aquela que vai levar para o céu, que o resto leva para o inferno. Eu acho que não houve mudança radical que precisava haver. Mas infelizmente a coisa é deixada de qualquer jeito. Precisa mudança de cabeça.

Entrevistadora: Qual foi a contribuição da senhora para o ER?

Dona Ruth: O fato de eu estar presente e sempre falar sobre o assunto, e nunca deixei para lá, e nunca coloquei a minha religião como a tal, nunca. Pelo contrário, quando eu vejo alguma coisa errada... Um dia a Irmã Rita, disse para mim: — Gosto tanto da senhora e do seu livro que eu li porque a senhora critica tanto a Igreja Católica, quanto a Igreja Protestante. Mas é claro, são todos humanos. E outra coisa, as famílias estão despreparadas, e as igrejas estão também despreparadas. Elas não estão preparadas para ensinar, para abrir a cabeça, pelo contrário cada vez fechando mais. A família é a coisa principal na vida do indivíduo. Então a família que deve ser trabalhada mais, depois a criança. Porque não adianta, você ensina uma coisa para criança aqui, quando chega em casa é um tratamento diferente.

Notas

- 1 Ruth de Albuquerque Tavares era Doutora em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; Mestra em Psicologia pela Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro; Especialista em Psicologia Clínica e em Terapia Corporal pela Universidade Federal do Espírito Santo; Bacharel e licenciada em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar e Orientação Escolar também pela Universidade Federal do Espírito Santo. Foi Presidente e secretária da CIERES (Comissão Interconfessional de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo), em seguida também exerceu os mesmos mandatos no CONERES (Conselho Estadual de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo, sendo membro deste Conselho até o presente momento representando a Igreja Presbiteriana Unida.
- 2 Dissertação defendida em fevereiro de 2018 na Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6888>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- 3 Baixo Guandu é um município do interior do estado do Espírito Santo. Localiza-se no vale do rio Doce, a oeste da capital do estado, Vitória.
- 4 Comissão Interconfessional de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo.
- 5 Ela se refere ao Decreto 1.130-E assinado pelo então governador Arthur Carlos Gerhardt Santos.
- 6 Referindo-se ao Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo (CONERES).
- 7 Referindo-se ao Decreto 1.130-E.